

## ASPECTOS MITOLÓGICOS DA MORTE E DO MORRER

Stanley Krippner, PhD\*\*

Trad. José Ascanio de Andrade  
21/03/2002

*Mitos são narrativas implícitas que servem como paradigmas culturais ou pessoais; Eles explicam fenômenos naturais, guiam indivíduos através da vida, determinam o seu lugar na sociedade e conecta-os com as forças espirituais do universo. Joseph Campbell (1986) descreve os mitos como produtos da imaginação humana cujo sentido se assenta não em suas denotações literais, mas sim nas suas conotações metafóricas e metafísicas.*

*Mitos sobre a morte e o morrer, variam conforme as culturas, mas os seus poderes para o controle, harmonização e socialização dos comportamentos humanos, são evidentes para todos os que estudam as suas estórias e símbolos. A concepção ocidental da vida e da morte infere que há uma linha reta estendendo-se através do tempo. Aceita-se que quanto mais longa a linha mais bem sucedida foi a pessoa – (ou seja essa visão linear da vida destaca a longevidade como o seu propósito maior – nota do tradutor). A morte de uma pessoa jovem é vista como um trágico evento que estremece a fé religiosa das pessoas e requer elaboradas racionalizações, como por exemplo, "o jovem foi chamado por Deus" "Necessitado no céu, ou "pagamento de um débito devido a pecados de seus pais".*

*Diversas tradições indígenas americanas, em contrapartida, vêm a vida não em termos lineares, mas como um círculo. Um ciclo é completado quando o jovem atinge a puberdade; outro ciclo é completado quando ele ou ela tem crianças. Após a puberdade, o indivíduo expande-se para o exterior, servindo à comunidade, à terra, e ao Grande Espírito. Quando a morte chega eles morrem em plenitude. Como o líder Sioux Ogala Crazy Horse comentou "Hoje é um bom dia para morrer, porque todas as coisas de minha vida estão presentes" (Levine 1982, p.5).*

*Ritos de passagem durante a puberdade incluíam freqüentemente uma jornada solitária pelo deserto, por muitos dias de jejum e orações. Essa e outras práticas tinham a finalidade de habilitar os jovens guerreiros a receber uma visão - inspirada do canto da morte (-Mantra- obs. do tradutor) que eles poderão usar por toda a sua vida, para manter contato com o Grande Espírito nas horas de stress e perigo. Assim, numa queda de um cavalo, ou quando atacado por um inimigo, ou enquanto estava ardendo em febre, o canto da morte era um companheiro constante. Ele estava disponível em momentos de necessidade, criando familiaridade com o não familiar. Como consequência, preparando a pessoa para a morte; Muitos nativos americanos morreram com grande clarividência, previamente familiarizados com a mitologia que integrava vida e morte. (Levine, 1982, pp25-26).*

### Momentos Finais da vida

*Quando os Astecas sacrificavam um prisioneiro, uma corda representando o cordão umbilical freqüentemente era enrolada em volta do abdômen da vítima, simbolizando que a hora da morte marca o renascimento em outro mundo. (Huxley, 1974). Na tradição hindu, morrer com o nome de Deus nos lábios é uma maneira consciente de retorno a Fonte do Ser, até uma próxima encarnação. Quando Mahatma Gandhi foi atingido por uma bala assassina, ele pronunciou o nome “Ram”, uma das denominações de Deus, em sua queda. (Levine, 1982, p 27). Reverências semelhantes marcaram a morte de incontáveis católicos romanos, os quais em seus momentos finais foram vistos repetindo a frase “Doce Mãe do Céu”. Uma tradicional frase de despedida para os judeus é “Escute, Oh Israel, o Senhor nosso Deus, o Senhor é Um”.*

*As palavras finais pronunciadas por alguém podem influenciar as crenças sobre o significado da vida e morte que acompanharão aqueles que aqui permanecerem. As últimas palavras de S. Francisco de Assis foram: “Bem vinda, irmã morte”. Santa Teresa de Ávila proclamou, “Senhor, agora é o momento de levantar e ir... Minha alma apreciará a satisfação de todos os seus desejos”. Algumas pessoas que também influenciaram a mitologia coletiva sobre a vida e a morte morreram com expressões de raiva, terror ou desesperançada resignação. Benito Mussolini, simplesmente implorou a seu capturador por mais tempo – “But, but Sr coronel—”. Antes de sua execução. (Lecomte, 1960). Algumas pessoas morrem da mesma forma em que viveram. Quando foi dito ao herói militar Ethan Allen que os anjos estavam esperando por ele, ele explodiu, “deixa-os esperarem”. As últimas palavras de George M. Cohans foram sobre sua esposa, “Olhem por ela” enquanto Charles II da Inglaterra expressou-se em relação à sua governanta, “Não deixem Nelly desamparada”.*

*O Presidente Grover Cleveland insistiu, “Eu tentei duramente fazer tudo correto”. Outros tentaram fazer uma completa declaração filosófica; o chefe indígena Blackfoot Crowfoot declarou, “Dentro em pouco estarei indo de entre vocês. Para onde eu não sei. Viemos do nada e para o nada retornaremos O que é a vida? É um flash, um pirilampo dentro da noite. Ela é o suspiro de um búfalo num tempo de inverno. Ela é a pequena sombra que caminha sobre a grama e se perde no entardecer”.*

*Julius Fucik, jornalista tchecoslovaco, seqüestrado pela gestapo na Segunda guerra mundial, escreveu antes de sua execução, “Humanidade eu te amo. Seja vigilante!” (Schneidman, 1980). Diz-se que as últimas palavras de S. João Evangelista foram, “Tu me convidaste para Tua mesa, Senhor; e ao chegar, agradeço Te por haver-me convidado, pelo Teu reconhecimento de que isso é o que eu mais desejei em minha vida”. Já Leon Tolstoi estava menos seguro ao dizer “eu não*

entendo o que tenho que fazer”. Um soldado nazista escreveu a sua esposa, do front soviético, “Talvez eu nunca retorne... Usualmente eu procurava ser forte e cheio de fé; agora me sinto fraco e sem fé. Ninguém poderá me dizer daqui para frente, que homens morrem com as palavras 'Deutschland' ou 'Heil Hitler' em seus lábios”.(Scheneidman, 1980). Em noite anterior a uma batalha fatal em 1987, um soldado soviético escreveu a sua família, do front Afeganistão, uma carta de despedida predizendo sua morte, encerrando com a frase, “Dane-se, Afeganistão”.

### Preparação para a morte.

Talvez nenhuma decisão possa ser mais o ser profundamente significativa para o ser humano do que por fim à própria vida, como forma de confrontar as questões básicas da existência. Em um instante ele pode se ver livre de todas as limitações e constrangimentos culturais, jogando o seu próprio ser em direção ao desconhecido. Conquanto um dos aspectos mais marcantes do suicídio seja a total rejeição da sociedade deixada atrás, algumas culturas incorporaram esse ato final à sua mitologia com o sentido de que o sacrifício da própria vida torna-se uma afirmação final de seus códigos sociais. Os guerreiros Moslem lutam sem medo nas batalhas, acreditando que a morte a serviço de seu país é o mais curto caminho para o paraíso eterno. Os guerreiros Shogun no Japão antigo e os Kamikases na 2ª guerra mundial partilham dessa mesma mitologia; suportados por sua fé, eles ofereceram suas vidas com aparente facilidade. Os índios Tupinambás no Brasil acreditam que podem obter sua imortalidade, morrendo em terras de seus inimigos, como vítimas de atos de canibalismo.(Huxley, 1974, p 108.)

O Deus grego Hermes, que como informante e mensageiro dos deuses, conduz as almas dos mortos para a sua última morada, era reconhecido como sendo tão perverso quanto talentoso. Assim, as ciências herméticas envolvem estudos ocultos e engenhosas praticas destinadas a ensinar aos discípulos os caminhos para o descobrimento de sua própria imortalidade. A cada dia nossos mitos sobre a morte lançam suas cores e sombras sobre nossas vidas. Uma das distinções filosóficas entre a espécie humana e todas as outras formas de vida é a consciência dos seres humanos sobre sua própria mortalidade. Somente a partir dessa consciência, segundo alguns comentaristas, a cultura é possível.

Quando colocado diante da morte, para a qual não está preparado, um terror instintivo pode obliterar todas as racionalizações prévias e todas as rejeições precedentes aos dogmas à que a pessoa foi exposta na infância.

Preces aprendidas e esquecidas tempos após, podem encontrar caminho para os lábios novamente. Questões religiosas básicas, que relacionam as conexões dos seres humanos com o cosmos podem voltar a movimentar-se (fluir) sobre a pessoa condenada.

*Até a questão, “Isso é tudo o que há?” pode ainda ser colocada com desiludido horror. Um profundo desejo para transcender as fronteiras do ego individual pode brotar na consciência. Os maiores sistemas espirituais do mundo tem sido capazes para estabelecer uma conexão entre toda a comunidade humana e esse desejo subjetivo por transcendência, provendo uma ponte entre o indivíduo e tudo o mais que o cerca.*

### **A negação da morte**

*Entre os Trukese, uma sociedade da Micronésia, a vida termina e a morte começa em torno dos 40 anos. A pessoa não é aceita como madura até atingir a quarta década de vida; apenas a partir desse ponto as pessoas sentem-se capazes para tomar as decisões amadurecidas que irão guiar as suas vidas. Essa idade também é vista como demarcatória do ponto onde as forças físicas começam a declinar. Os homens Trukese não podem pescar ou pilotar uma canoa tão bem como um jovem, nem pode subir em árvores para apanhar frutos como antes. Os Trukese são considerados uma sociedade “afirmadora” da morte porque esse tópico é onipresente. Há vantagens e desvantagens no envelhece e ambas são reconhecidas. Para muitas sociedades primitivas, a morte era freqüentemente acompanhada por júbilo e celebração onde os membros da tribo faziam sua transição para o outro mundo. (Kubler-Ross, 1975, p.28)*

*A América, ao contrário, é freqüentemente vista como uma sociedade de “negação da morte”. As pessoas freqüentemente relutam em revelar suas idades; elas gastam muito dinheiro para apagar suas rugas e transplantar seus cabelos; os idosos são normalmente levados para asilos, para ficarem fora de vista. O antropologista Ernest Becker (1973) observou que o medo da morte orienta para a negação da morte. Enquanto a crianças é ensinado esse processo de negação, elas tem os seus pesadelos recorrentes, suas fobias universais de insetos e cachorros mal-dosos. Em seus torturados interiores irradiam-se complexos símbolos de muitas realidades inadmissíveis, - terror do mundo, o horror de seus próprios desejos, o medo de vingança dos pais, o desaparecimento de coisas, e um descontrole pessoal sobre tudo. Isso é muito para se aceitar por qualquer animal, mas as crianças têm que aceitar, e então elas acordam aos gritos, com pontual regularidade durante um período em que seu fraco ego está em processo de consolidação das coisas. (em formação). (pp 19,20). Becker acreditava que assim que as pessoas ficam conscientes de seu fim próximo, elas criam barreiras, para se resguardarem contra a morte, contra as imprevisíveis formas com que o terror pode atacar e contra outras formas de catástrofes possíveis.*

*Francis Bacon observou, “o medo humano da morte é como o medo de uma criança de sair no escuro”. Sob um ponto de vista psicanalítico, Mary Chadwick (1969) vê o medo da morte como a ansiedade fundamental dos indivíduos ocidentais. O silêncio sobre a morte, encontrado nas*

sociedades tecnológicas, nas quais a mitologia exalta o domínio sobre a natureza, tem sido comparado com o silêncio sobre o sexo que caracterizou a era Vitoriana. O medo da morte e a negação a que isso leva, tem afetado igualmente pessoas leigas e profissionais. Médicos, freqüentemente, conspiram com os familiares de um paciente de doença terminal no sentido de que evitem referir-se à morte. Mesmo entre os ocidentais que tem inclinação religiosa o medo da morte é tão grande como nos outros (Feifel, 1969) a menos que essas convicções sejam incomumente profundas (Templer, 1963). No entanto, até recentemente, como um psicólogo observou, o medo da morte e a ansiedade sobre isso não tem tido quase nenhuma descrição na literatura psiquiátrica. (Rosenthal, 1969).

Um curioso exemplo de como a cultura ocidental vem negando a morte, ocorre na alteração dos contos folclóricos através dos séculos. Em fevereiro de 1984, a Universidade de Princeton promoveu uma conferencia “Contos de fadas e a sociedade”. Nessa conferencia uma atenção especial foi dada a “estória do chapeuzinho vermelho”. Nas primeiras versões existentes, à infortunada menina foi dito por sua mãe para levar pão e leite para sua avó. Mas o esperto lobo chegou primeiro, devorou a avó e ficou esperando pela menina. Após sua chegada, o lobo ordenou-lhe que tirasse suas roupas e as jogasse no fogo. Em algumas versões ele violentou a menina e depois consumiu com ela; em outras ele comeu-a imediatamente. A moral do conto aparentemente é direta: As crianças não devem passear fora dos limites de sua vila, porque os estrangeiros podem ser perigosos. (sexo, morte e o Chapeuzinho Vermelho 1984 p.68)

Com o passar dos tempos, um caçador foi adicionado ao conto, o qual abriu o ventre do lobo permitindo que a menina e sua avó se salvassem. Só no 17º século um autor francês, Charles Perrault, adicionou o chapéu vermelho. No 19º século, os escritores alemães, Jacob e Wilhelm Grimm eliminaram o sexo e a sanguinolência. Os irmãos Grimm fizeram com que a mãe recomendasse a Chapeuzinho a não desviar-se do caminho, sinalizando com isso que as suas desventuras aconteceram, em parte, devido às suas próprias impropriedades. Mesmo nos tempos de Perrault o Chapeuzinho Vermelho já simbolizava um descaminho, um ato pecaminoso, jogando dessa forma a culpa sobre a menina e modificando a mensagem original da morte inesperada, como uma realidade de um mundo imprevisível.

### “A despedida”

Outro caminho para a negação da morte é tomado pela construção de elaborados cemitérios, sendo o mais conhecido o California’s Forest Lawn Memorial Park. Seu fundador, Hubert Eaton, criou o “park” como um esforço, como ele disse, para “apagar todos os sinais de luto”. Dessa forma, a morte tornou-se “uma despedida” e o defunto, (“the loved one” – o amado”) é enterrado em uma bem montada “câmara de repouso” após uma bem elaborada sessão de cosméticos. Musicas suaves de mensagens inspiradoras fluem vindas de alto falantes escondidos nos arbustos que cercam

cada uma das seções do “park”, denominadas “lullabyland, - canções de ninar” “Graceland” e as em formato de coração “babyland”. Uma canção de Tom Paxton (1976) ridicularizou esses procedimentos:

“Oh! Deitem-me in Forest Law, num caixão prateado,  
Coloquem flores douradas sobre minha cabeça, em uma cesta prateada.  
Deixem uma banda de tambores e cornetas  
Marcar o ritmo enquanto rugem os canhões,  
Coloquem 16 empregados uniformizados  
Distribuindo souvenirs da loja funerária”.

Uma parodia do Forest Lawn “*The loved one*” de Evelyn Waugh é também um conto satírico a respeito da negação da morte pela América. Na verdade, a popularização dessa novela teve como resultado uma diminuição do uso da expressão “Loved one” como um eufemismo para o defunto. (Wass, 1979). Os extravagantes funerais, tão comuns nos Estados Unidos, receberam descompostura em vários livros, como o de Ruth Mulvey Harmer (1983) *The High Cost of Dying* e *The American Way of Death* de Jessica Mitford (1963). Essas críticas e outras como elas, retrataram a exposição do defunto embelezado em um sono artificial, como uma irreverente e não religiosa forma de negação da realidade da morte. Mitford, por exemplo, descreveu a comercialização da Practical Burial Company, (Cia de funerais) a qual oferece “um conforto caloroso de um luxuriante chinelo em padrões a escolher, como couro de bezerro, bronzeado, ou vermelho escuro, assim como produtos de cortesia “New Bra form” “Post mort form restauration”.

A Florence Gows, inc. manufaturou uma linha de “roupas especiais de anfitriã” ou casacos “hostess gowns and brunch coats” para o falecido e o caixão “Monaco” com “Sea Mist Polish Finish and a lining of “600 Aqua Supreme Cheney velvet” (na cor verde azulado, com acabamento brilhante e revestimento de veludo especial)) chamam a atenção para “o bom vivante que sonha ombreado com os mais elegantes do mundo”.

Outras pessoas vão para o oposto extremo e planejam para que aconteça o imediato descarte do corpo, por enterro ou cremação, com pequena interrupção em suas atividades diárias. (Herson e Scott, 1979). Mas essa prática pode ser, da mesma forma que a negação da morte, um elaborado funeral, com um dispendioso caixão de metal “hermeticamente fechado” para prevenir que correntes de ar incomodem o repouso do morto. É freqüentemente esquecido que os caixões de metal serviram anteriormente a uma função muito prática, eles desencorajavam o roubo de corpos no século 18, quando o crescimento dos estudos de medicina requeriam defuntos que não podiam ser obtidos pelos canais legais. Na atualidade isso não é válido, mas o retorno ao caixão de madeira é inaceitável para muitas pessoas, porque isso relembra a elas o eventual decaimento e decomposição do corpo.

### Livros sobre a morte

No ocidente, o medo da morte fica em evidente contraste com os vários livros sobre ela, os quais oferecem guias precisos para o ato de morrer. O Egípcio Rev Nu Pert Em Hru (ou Chapters of Coming Forth by Day datado de antes de 1600 AC é uma coleção de textos que contem formulas, (algumas contraditórias), orações, hinos, e descrições dos “campos de paz” no além. Os antigos egípcios foram extraordinariamente longe para expressar sua fascinação com a morte, como é sugerido por suas ornamentadas múmias, tumbas carregadas de tesouros, e elaboradas cerimônias. Pode-se ter dos antigos egípcios a impressão de que eram uma sociedade de melancólicos, de pessoas depressivas, gravemente preocupadas com sua iminente ruína. Mas, ao contrário disso, os egípcios apreciavam a vida porque eles viviam em uma terra abençoada pela natureza, com abundantes recursos e contavam com a fertilidade do vale do rio Nilo. Por longo tempo de sua historia eles viveram em paz, devido a sua localização geográfica. Os faraós eram geralmente déspotas benevolentes que acreditavam em um governo de responsabilidade.

Na medida em que as idéias democráticas ganhavam espaço no Egito os textos funerários tornaram-se disponíveis para mais pessoas. O medo da morte esteve presente no Egito, justamente porque as pessoas tinham muito a perder e esse medo levou á construção de elaboradas crenças concernentes à vida após a morte em vez da supressão de idéias acerca da morte (Rossiter, 1979)

Um documento realmente diferente é do 8º século AC o Bardo Thotal (ou Liberção pela escuta no plano após a morte.) (Evans - Wentz, 1957). Enquanto os egípcios não tinham duvidas com relação à realidade de seu mundo, este livro Tibetano enfoca o todo da experiência humana – ambas, antes e depois da morte – como cheio de ilusão. Este tratado oferece um guia para o tempo de morte e para o depois. Seguir esses preceitos é estimular a compreensão do praticante para transcender aquilo que é transitório. O individuo em processo de morte é visto como portador do potencial de iniciação e o poder para, conscientemente, controlar o processo da morte e regeneração.

O livro tibetano dos mortos ensina o moribundo a encarar a morte calmamente e com a mente clara, assim como a superar os sofrimentos e enfermidades carnis com o intelecto dirigido para a transcendência.

O Bardo Thodal é o reverso da negação da morte; Assim sendo, ele assegura que a relutância em morrer produz resultados desfavoráveis e, dessa forma, em lugar de retirarem a pessoa doente de sua casa e retardarem medicinalmente o processo de morte - enquanto sua mente é entorpecida por anestésicos - os sábios orientais realçam a importância da plena consciência mental.

Quando o tibetano Lillarepa estava se preparando para morrer, ele escolheu uma confortável caverna para isso e esperou pela morte com uma musica sobre a inevitabilidade e

*naturalidade de sua passagem. O Bardo Total sugere um método de liberação yogue para a verdadeiro ciclo da vida e morte. (Ewans-Wentz, 1957). Para Milareta e seus seguidores yogues nenhum, nem o caixão Monaco hermeticamente fechado, nem os antigos campos da paz dos egípcios exerceriam muita atração.*

*Livros similares sobre a morte existem nas literaturas hindu, moslem, e centro americana cada um refletindo um diferente caminho cultural.*

*Uma coleção medieval, Ars Moriendi, (ou A Arte de morrer) atenta para semelhante assunto. Em alguns desses livros, o leitor é informado de que os estados de consciência associados com a morte podem ser experimentados durante a vida. Por essa razão, certas partes desses textos podem também ser usadas como manuais para meditação ou iniciação. (Grof e Grof, 1980) De fato, Tymothy Leary, Ralf Metzner e Richard Alpert (1964) adaptaram o Bardo Thodal para ser usado como um manual para guiar neófitos no uso de drogas psicodélicas para alterar sua consciência. O livro Americano da morte apresenta alguns ensinamentos esotéricos sobre a morte, para o publico americano. (Gold, 1978)*

*A mitologia de supressão da morte, nos estados unidos, começou a mudar em 1970 com os esforços pioneiros de alguns dedicados clínicos como a física suiço americana Elizabeth Kubler-Ross (1969-1975). Ela corajosamente confrontou as agruras enfrentadas pelos pacientes terminais numa cultura de negação da morte, provendo finalmente toda a sociedade com insights cruciais sobre vida e morte. Os trabalhos de Kuber-Ross foram seguidos por dúzias de livros sofisticados que colocam esse assunto, diante de um ponto de vista psicológico. Pe. Fred Cutter's (1974) Coming to Terms with Death, Stephen Levine's (1982, 1987) Who Dies? and Healing into Life and Death, Edwin Schneidman's (1980) Voices of Death, and Michael A. Simpson's (1979) The Facts of Death*

### **Aniquilamento(exterminio) vs. Transcendência**

*O livro de Ernest Becker The Denial of Death ganhou o premio Pulitzer para não ficção em maio de 1974, dois meses depois de Becker \_haver morrido. Becker expôs que a idéia da morte e o medo dela atingem o ser humano mais do que qualquer outro conceito. Por entenderem a sua finitude e mortalidade, os seres humanos estão famintos por transcendência. Becker aponta os meios pelos quais essa fome é apaixonadamente aplicada sobre coisas materiais, como pessoas se esforçam para converter terra em céu, bens materiais em deuses, e auto preservação em imortalidade. Como são as únicas criaturas conscientes de que suas vidas caminham para um final, os seres humanos tem procurado outros caminhos para garantir alguma forma de duração infinita.*

*Parte de gênio da contribuição de Becker é o seu imperioso argumento de que o excesso de ouro, dinheiro e propriedades, tomados como símbolos psicológicos da imortalidade, transformaram-se nos mecanismos centrais de negação da morte. O acúmulo de riquezas supérfluas dirige-se para a verdadeiro núcleo da motivação humana assim como a urgência para sobressair-se como um herói, transcendendo as limitações humanas e buscando a vitória sobre a finitude.*

*Becker (1975) afirma que o mal é baseado nas tentativas das pessoas para negar sua mortalidade. Pela crença de que eles podem transcender seu lugar na natureza, eles freqüentemente buscam a alto custo, substitutos ilusórios para a imortalidade, em detrimento do encontro de requisitos disponíveis para a vida na esfera terrestre. Em contato com o trabalho de Becker, Ken Wilber (1981) concordou com suas teses básicas, mas criticou Becker por não aceitar e conseqüentemente negar a existência de um reino espiritual. Através dessa rejeição das experiências místicas e transcendentais, Wilber acredita ser Becker culpado pelo reducionismo que nega os mais altos aspectos da natureza humana.*

*Enquanto Becker vê o sofrimento e o mal como enraizados num desorientado desejo da humanidade de negar sua própria insignificância, Wilber vê os males e sofrimentos como devidos à falta de ligação com Deus. Para ambos os acadêmicos, o mal é o resultado das tentativas humana em negar sua própria insignificância. Becker pensa que alguns medos são bem fundados enquanto Wilber entende como a confusão de ego com essência. Wilber declara que os humanos intuem o espírito como sua verdadeira e primeira natureza.*

*Por tentarem atingir na Terra a perfeição que só pode ser encontrada, “no além” transpessoal a espécie humana confundiu o finito e o infinito, produzindo uma pletora de problemas. Para Becker, a religião é baseada no ansioso desejo por um reino além da morte. Para Wilber, a religião é baseada no desejo por um reino intuído, o qual, da mesma maneira é encontrado após a morte.*

*Essa discordância fundamental é importante para entender como são variados os mitos culturais e pessoais acerca de como a vida sobrevive à morte. Algumas religiões não dependem de uma vida após a morte, ou da crença em uma alma imortal. Outras, entretanto, descrevem brilhantemente a entrada no infinito como, de maneiras variadas, emergindo da escuridão para a luz, matando dragões ou destruindo demônios, a gloriosa abertura dos portões do céu, ou a revelação de entidades divinas. (Elliott, Feinstein, e Krippner, 1986).*

*O tema do Julgamento Divino ocorre com os Judeus, Cristãos, Moslem, Zoroastras e algumas tradições centro americanas. O céu deve consistir de cidades celestiais, jardins paradisíacos, seres radiantes, encontros eróticos, musica angelical, delícias sensuais e/ou visitas a galáxias. O inferno deve ser marcado por monstros terríveis, sofrimentos inexoráveis, instrumentos de tortura, e/ou esquentados tumultos .*

*A reencarnação é uma crença fundamental para o entendimento do destino humano no Hinduísmo, Jainismo, certas tradições centro americanas e muitas formas de Budismo. Algumas mitologias percebem caminhos de passagem de um mundo para outro, veículos para facilitar a jornada, purgatórios e outros estados indeterminados, e uma unitiva bem aventurança quando a identidade própria é perdida, e também algumas escolas de sabedoria esotérica onde a alma pode desenvolver a sua espiritualidade sob a orientação de instrutores master.*

*Entre os ocidentais, a adesão a qualquer um desses sistemas de crenças religiosas tende a ser mais um problema de escolha do que um imperativo cultural. A queda das mitologias religiosas no ocidente, com o prevalecimento da visão materialistica do mundo levou a uma gama variada de estratégias seculares para o encontro de conforto sobre a morte. Qualquer uma delas pode ser mais apelativa que o sentimento de destruição diante da perspectiva de morrer, por exemplo:*

*1 – Nós podemos preencher nosso tempo na terra com uma riqueza de propósitos que não podem ser ensombrecidos pela certeza de que nós deveremos um dia sair. Corliss Lamonte (1970) observou, “nós podemos fazer nossas ações contarem e vestir nossos dias com uma gama de significados que a finitude da morte não poderá desfazer.”*

*2 – Nós podemos sobreviver geneticamente. Internos a nossos corpos estão os cromossomos recebidos de nossos ancestrais, e nos podemos passá-los para os nossos filhos. Bertrand Russel (1951) refletiu que o parentesco possibilita o escape biológico de morrer, “fazendo minha própria vida parte da totalidade do rio e não uma mera e estagnada poça sem nenhum fluxo para o futuro”. Muitas culturas desenvolveram essas capacidades biológicas introduzindo mitos que fazem um rápido repovoamento como um requisito cultural, assim como no Confucionismo onde a insuficiência de descendentes era considerada como o maior ato de desamor filial. (Lifton, 1983)*

*3 - Nós podemos viver através da memória de outros. Nós somos links na cadeia de progressão da humanidade. Através não só de nossas crianças, mas através de todos aqueles aos quais nós tocamos com a nossa presença, nossas palavras, e nossos atos, nós nos imortalizamos.*

*4 – Nós podemos viver através de nossos trabalhos concluídos, seja como arte, musica, ciência, filantropia, literatura, e inovações sociais. Miguel Serrano, (1966) observou que os livros são feitos de matéria viva e “continuam a lançar luzes sobre a escuridão por muito tempo após a morte de seus autores.” Outros notaram que arte, mais do que qualquer outra atividade, sobrevive à morte (Choran, 1964). As influencias positivas que nós exercemos nos parceiros humanos podem se tornar em vivos testemunhos de nossas vidas.*

*5 – Alguns vêm a esperança na imortalidade na fonte da juventude prometida pela perfeição dos transplantes de órgãos. Transplantes de córnea já são comuns e os próximos anos poderão trazer um aumento no sucesso em outros transplantes. Malcolm Muggeridge (1970) observou*

*jocosamente que esta pratica poderá resultar “em nos manter na estrada indefinidamente, como os automóveis, pela reposição de nossas partes vencidas”.*

*6 – Nós podemos sobreviver no processo cósmico, movimentando nosso banner por um momento na parada universal da existência. Robert Jay Lifton (1983), em seus estudos sobre os sobreviventes de Hiroshima, encontrou que eles eram ajudados para reaver o seu senso próprio de continuidade em seguida à explosão atômica, pela repetição do provérbio, “O estado pode sucumbir, mas as montanhas e os rios permanecem.” (p, 22). Herman Melville, na sua novela Moby Dick observou, “A imortalidade não é mais que um alongamento do tempo. Carl Jung (1973) examinou vários mitos culturais e encontrou que eles todos contêm crenças sobre a vida após a morte. Jung admitiu que abraçar um mito pessoal de sobrevivência após a morte era, para ele, psicologicamente esperançoso e enriquecedor.*

*Lifton (1983) notou que a despeito de suas diferenças na crença sobre a vida após a morte, o tema comum em todas as grandes mitologias religiosas é a questão de seus heróis-fundadores os quais orientados para a realização espiritual, capacitam-se para confrontar e transcender a morte, criando dessa forma um modelo a ser seguido para a formação de crentes.*

*As vida de Buddha, Christ, Mohammed, Moisés, e outros líderes religiosos vieram para incorporar várias combinações de espiritualidade, revelação e os princípios éticos mais refinados que podem despir a morte de sua pontada de destruição. Lifton (1983) observou:*

*O princípio espiritual básico, com ou sem o conceito de vida após a morte, ou alma imortal, é o antigo tema mitológico da morte e renascimento. Ele oferece a oportunidade de renascer em um reino atemporal de verdades definitivas que transcendem a morte.*

*Nesse domínio, a pessoa pode compartilhar a imortalidade da divindade, afiliando-se a uma comunidade sagrada ou uma “conveniada com Deus”. Ou este reino final pode ser tomado como a mais concreta representação do céu, ou da imortalidade negativa (sofrimentos sem fim) do inferno. (pp.20-21)*

*Lifton conclui que, qualquer que seja essa representação, há no coração da mitologia religiosa um sentido de poder espiritual. Esse poder pode ser entendido por numerosos caminhos – dedicação, capacidade de amar, determinação moral – mas o seu sentido final é o poder sobre a morte.*

*Para muitas pessoas, a necessidade de caminhar ao encontro da morte tem sido abrandada pela adoção de uma das seculares mitologias, seja vivendo através de seus descendentes, ou através de suas ações praticadas, criações, ou identificação com o cosmos. Para outras, a adesão a uma mitologia religiosa ou filosófica é suficiente para responder às suas questões sobre a morte e para dar-lhes uma estrutura a partir da qual operar. Em qualquer evento, os mitos são ainda*

*necessários no mundo atual. Nada mais comanda seu poder de ilustração. E a morte, talvez mais que qualquer outro tópico, requer a confrontação e busca por sentido que a mitologia oferece.*

### **References**

Becker, E. (1973). The denial of death. New York: Free Press.

Becker, E. (1975). Escape from evil. New York: Free Press.

Campbell, J. (1986). The inner reaches of outer space: Metaphor as myth and as religion. New York: Alfred von der Marck.

Chadwick, M. (1969). Notes upon the fear of death. In H.M. Ruitenbeek (Ed.), Death: Interpretations. New York: Delta.

Choran, J. (1964). Modern man and mortality. New York: Macmillan.

Cutter, F. (1974). Coming to terms with death. Chicago: Nelson-Hall.

Elliott, P., Feinstein, D., & Krippner, S. (1986). Rituals for living and dying. Ashland, OR: Innersource.

Evans-Wentz, W.Y. (Ed.). (1957). The Tibetan book of the dead. London: Oxford University Press.

Feifel, H. (1969). The problem of death. In H.M. Ruitenbeek (Ed.), Death: Interpretations. New York: Delta.

Gold, E.J. (1978). American book of the dead (rev. ed.). New York: Doneve Designs.

Grof, S., & Grof, C. (1980). Beyond death. New York: Thames & Hudson.

Harmer, R.M. (1963). The high cost of dying. New York: Collier.

- Herson, M.J., & Scott, R.A. (1979). Memorial services and funerals as options. Counseling Values, 23, 261-272.
- Huxley, F. (1974). The way of the sacred. Garden City, NY: Doubleday.
- Kubler-Ross, E. (1975). Death: The final stage of growth. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Kubler-Ross, E. (1969). On death and dying. New York: Macmillan.
- Lamont, C. (1950). The illusion of immortality (2nd ed.). New York: Philosophical Library.
- Leary, T., Metzner, R., & Alpert, R. (1964). The psychedelic experience: A manual based on the Tibetan book of the dead. New Hyde Park, NY: University Books.
- LeComte, E. (1960). Dictionary of last words. New York: Philosophical Library.
- Levine, S. (1987). Healing into life and death. Garden City, NY: Anchor.
- Levine, S. (1982). Who dies? An investigation of conscious living and conscious dying}. Garden City, NY: Anchor.
- Mitford, J. (1963). The American way of death. New York: Simon & Schuster.
- Muggeridge, M. (1970, February 20). Essay. The Observer. p.25.
- Paxton, T. (1976). Forest lawn. In C.S. Adler, G. Stanford, & S.M. Adler (Eds.), We are but a moment's sunlight: Understanding death. New York: Pocket.
- Rosenthal, H.R. (1969). The fear of death as an indispensable factor in psychotherapy. In H.M. Ruitenbeek (Ed.), Death: Interpretations. New York: Delta.
- Rossiter, E. (Ed.). (1979). The book of the dead: Papyri of Any, Hunefer, Anhai. Freiburg, West Germany: Productions Library.

- Russell, B. (1951). The autobiography of Bertrand Russell, 1872-1914 (Vol. 1). Boston: Little, Brown.
- Sex, death and Red Riding Hood. (1984, March 19). Time, p.68.
- Schneidman, E. (1980). Voices of death, New York: Harper & Row.
- Serrano, M. (1966). C.G. Jung and Hermann Hesse: A record of two friendships. New York: Schocken.
- Templer, D.I. (1973). Death anxiety in religiously very involved persons. In Death Anxiety. New York: Manuscript Information Corporation.
- Wass, H. (1979). Dying: Facing the facts. New York: Hampshire/McGraw Hill.
- Waugh, E. (1948). The loved one. New York: Dell.
- Wilber, K. (1981). Up from Eden: A transpersonal view of human evolution. Garden City, NY: Anchor.
- \*Invited Address, First Interdisciplinary and Intercultural Conference of the International Institute for the Study of Death, St. David's University College, Lampeter, Wales, U.K., 29-31 July 1987.
- \*\*Professor of Psychology, Saybrook Institute, San Francisco, California 94123, USA.